

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 05 – 2009, MAIO  
Assinatura até 31.12.09: 09 selos postais de 1º Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!  
www.haicu.sf.nom.br

De la vida en mi torno: Ni un gusano es ya más infeliz: suyo es el aire y el lodo en que muere es suyo. Siento la coz de los caballos, siento las ruedas de los carros; mis pedazos palpo: ya no soy vivo: ni lo era cuando el barco fatal levó las anclas que me arrancaron de la tierra mía!

José Julián Martí 1853-1895, Domingo Triste, Versos Libres,  
José Martí Poesía Completa, Tomo I,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Ya te olvidaron todos en el mundo...  
Solo yo dulce amor, mujer divina,  
recuerdo aquella noche septembrina  
de tu postrear mirar, ya moribundo.

Desde ese día un látigo iracundo,  
que en mi se enrosca como serpentina,  
me lacerará las carnes, imagina  
si con tras te mezclo y te confundo.

Y cuando entre las tumbas voy perdido  
a sollozar mi amarga desventura,  
pienso que soy también muerto en olvido,

y hasta, mi dulce amor, se me figura,  
al besar tu sepulcro ennegrecido,  
que voy besar mi propia sepultura.

Arthur de Azevedo 1855-1908, Eterno Dolor

Dejó la cuna por destino incierto  
pero el paisaje guardo en la pupila,  
lo guarda el corazón, donde destila  
la esencia de las lágrimas que vierto.

Campanadas que van por el desierto,  
perdidas de la torre alta y tranquila;  
montes que la distancia mas perfila  
y hace más bellos, de verdor más cierto.

Nunca os olvidaré recuerdos míos  
mientras luzca en los cielos, ya sombríos,  
la estrella Vesper que me vio partir;

cuando el alma afligida más se hiere  
y recoge les alas, solo quiere  
en vuestro reino maternal dormir.

Augusto de Lima 1858-1934, Paisaje Nostálgico

Era un hábito antiguo que tenia,  
dar con la puerta, fuerte, en los batientes.  
¿Qué mal te hizo? la mujer decía,  
y él contestaba sin abrir los dientes:

– Nada; trae la comida. Anocheceá.  
Quedaba mas tranquilo, e inocentes  
los ojos de su hija presentá  
y las daba mil besos, transparentes.

Una vez al volver, y vacilando  
abrir la puerta, el corazón le advierte:  
– Entra más de vagar... Pára, dudando.

Áspera gime la maciza puerta,  
y extático contempla, mudo, inerte,  
en los brazos maternos la hija muerta.

Alberto de Oliveira 1859-1937, La Venganza de la Puerta

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas  
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Percebi somente agora  
após corrida sem fim,  
que a paz que eu busquei lá fora  
estava dentro de mim.

Analice Feitoza de Lima, 0904  
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º  
01501-030 – São Paulo, SP

Pudesse, mãe, a lembrança  
recompor o antigo lar...  
eu – voltar a ser criança;  
você... somente voltar!

Antônio Carlos T. Pinto, 0903  
Quatro Versos: Rua Santa Marta 70  
28633-080 – Nova Friburgo, RJ

Da escola volta a menina,  
já quase ao anoitecer,  
mas no seu livro, inda ensina,  
a mãe que não sabe ler!

Benedicto Nunes de Assis, 0902  
Trevo na Trova  
UBT Seção de Taubaté

Todo livro, quando aberto,  
é pólen, é flor, é fruto...  
fechado: é sombra, é deserto,  
é silêncio, é campá, é luto.

Cyro A. Catta Preta, 0803  
O Ubeteano, Caixa Postal 448  
14001-970 – Ribeirão Preto, SP

No balanço da cadeira  
a vovó, com alvas tranças,  
recorda uma vida inteira  
plena de belas lembranças.

Nato Azevedo, 0901  
Binóculo: fone (85) 3279-1752  
jbatista@unifor.br

Ao chegar em Portugal,  
depois da grande conquista,  
vendo a sogra em seu quintal,  
diz Cabral: "Encrenca à vista!"

Renata Paccola, 0903  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia, CE

Poetas reunidos  
no terraço do Miyagui  
admiram a lua.

Alberto Murata

Amigos poetas  
contemplam o caminhar da lua  
no céu sem nuvens.

Carol Ribeiro

Um lanche animado  
e então profundo silêncio –  
contemplação da lua.

Edson Kenji Iura

Com luzente olhar  
a convidada da noite –  
chega a lua cheia.

Irene Fuke

Gole de saquê  
lua de outono no céu.  
Ah, tsukimi!

Maria Fernandes Shu

A lua me sorria –  
mas uma ambulância  
pedia passagem.

Sérgio Dal Maso

A lua quase opaca  
um quê de desconforto –  
lua da cidade.

Teruko Oda

Contemplação da Lua 2009, Gentileza de Edson Kenji Iura: kakinet@uol.com.br

## TEMAS DA SAZÃO OU TONO – QUIDAIS DE OUTONO

Reflete o sol  
no pé, no galho mais alto.  
Laranja-pêra.

Amauri do Amaral Campos

Céu azul profundo.  
Da janela da mansarda  
vê-se o mar de anil.

Benedita Azevedo

No final da tarde  
o céu se cobre de negro –  
gafanhotos chegam...

Iraí Verdan

O pássaro chega  
faminto, olha o alpiste  
e cai no alcapão.

Luiz Chamadoira

Grilo barulhento.  
Com as mãos delicadamente  
o levo pra fora.

Nadyr Leme Ganzert

Um dourado adulto  
na vara da criança.  
O peixe não vem.

Sérgio Baldan

Paineira florida  
na colina, ao longe –  
conversa na varanda.

Sérgio Matsumura



## HAICUS E M FOLHA

No meio do inverno  
um solzinho promissor  
chegou veranico. P

Alba Cristina

Dia do Trabalho.  
Na rede, cantarolando  
um homem descansa. J

Analice Feitoza de Lima

O inverno chegou,  
mas o sol ainda queima.  
Pleno veranico. Y

Angelica Villela Santos

Afastando o frio  
em dias de veranico,  
vovó anda ao sol. A

Denise Cataldi

Dia do Trabalho.  
Balançando-se na rede  
de papo para o ar. P

Flávio Ferreira da Silva

Alta madrugada.  
Dentro da casa, silêncio...  
Grilos no jardim. B

Neuza Pommer

Dia do Trabalho –  
aproveitando o feriado,  
o povo descansa. P

Renata Paccola

Paineira florida,  
docemente, oferta aos céus  
pains bailarinas... D

Amália Marie Gerda

Homens reunidos  
em torno à mesa de um bar,  
curtem veranico. Y

Analice Feitoza de Lima

Na beira da estrada,  
sob a sombra da paineira,  
andante descansa. B

Argemira F. Marcondes

Lavrador ao sol  
na eterna lida da roça  
Dia do Trabalho. J

Denise Cataldi

Para relaxar,  
levou a família ao circo.  
Dia do Trabalho. Y

Flávio Ferreira da Silva

Sombra de paineira;  
menina sentada tece  
colares de flores. J

Neuza Pommer

Ao dobrar a esquina  
uma paineira florida  
no meio da praça. D

Sérgio F. Pichorim

Veranico mágico:  
pássaros e borboletas,  
num baile sem fim... P

Amália Marie Gerda

Nos portões da fábrica,  
encapuchada de flocos,  
esguia paineira. J

Angelica Villela Santos

A chuva passou,  
o veranico, presente,  
faz a tarde calma. J

Argemira F. Marcondes

Em campo aberto  
revoada de flores:  
– paineira se despe. P

Denise Cataldi

Na hora do *rush*  
vulto na torre da igreja;  
Dia do Trabalho. D

Manoel F. Menendez

Em meio à nevoaça,  
vulto na torre da igreja;  
badalar de sinos. J

Neuza Pommer

Grilo persistente.  
Parece que o jardim  
invadiu o meu quarto. P

Sérgio F. Pichorim

Extensa avenida.  
Flores róseas de paineira  
enfeitando o chão. D

Analice Feitoza de Lima

Domina a paisagem,  
encapuchada de flocos,  
esguia paineira. J

Angelica Villela Santos

A praia está cheia,  
trabalhadores descansam.  
Dia do Trabalho. P

Argemira F. Marcondes

Manifestação  
em defesa de direitos.  
Dia do Trabalho. D

Flávio Ferreira da Silva

A praça vazia.  
Com seu chão embranquecido,  
uma paineira. Y

Manoel F. Menendez

Dia do Trabalho –  
protestos em praça pública  
pôr salários justos. P

Renata Paccola

Calá-se o grilo.  
Mas seu cricrilar persiste  
em meus ouvidos. P

Sérgio F. Pichorim

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito *no momento da ocorrência*, dando destaque ao quigo

(palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Faça este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos*.

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

✉ Até o dia 30.05.09, enviar até 3 haicus de quigos: Dia dos Pais, Folha seca, Frente Fria. 🐼  
Até o dia 30.06.09, enviar até 3 haicus de quigos: Amora, Dia da Secretária (30.09), Sabiá.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82  
05010-040 - São Paulo, SP  
ou  
mfmenendez@superig.com.br

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Mais vale um haicu enviado do que três na mão! – Não deixe para amanhã, o que puder fazer agora!

Na noite escura, invasão da claridade e nasce o poema. Fernando Vasconcelos	Orquídea rara. Observador vislumbra boa aquisição. Flávio Velasco	Galhadas com péras. Quantas maduras, à espera! – Ó vento guloso! Leonilda Hilgenberg Justus	Fruto do verão. Figo tem forma de lagrima de garoa boa. Lólia Prata	Cálida lembrança: trilha rumo à escola das trapoerabas! Shinobo Saiki	Saudades da infância: doce de cidra com queijo das Minas Gerais. Walma da Costa Barros	Salgueiro em desfolha Conquistando o espelho d'água conforme se esvai. Wladia Viviani
--	---	--	---	---	--	---

Este meu corpo mestiço, encanto de um bem querer, tem o fogo do feitiço que faz meu fogo acender! Adilson Calvão	Planejo a carta... e o maldoso orgulho logo desponta... e caneta de orgulhoso não tem tinta e não tem ponta!... Ana Maria Motta	Sigo as pegadas das horas, que passam... tão devagar... – Já nem sei se tu demoras ou se eu não sei esperar! Ângela Maria de A. Góes	Quando você se despede, fica em mim esta verdade: a demora a gente mede na medida da saudade. Antônio Rosalvo R. Accioly	Já não me importa a demora... Passaram dias e meses... Voltarás... Que importa a hora? Já voltaste tantas vezes! Célia Higgins Ferreira	Ouço passos da sacada... ansiosa, chego ao portão... – E vejo, em minha calçada, o final da solidão!... Clenir Nevess Ribeiro
Apelar nem sempre ajuda, pois, sem qualquer emoção a razão é surda e muda a apelos do coração! Cyriléa Neves	A minha lagrima triste que na face não rolou foi a do brilho que viste, e o meu orgulho secou. Denise Cataldi	Sempre feliz hei de ser e, se Deus assim quiser, em cada vez que eu nascer eu quero nascer Mulher! Dilva Moraes	É tão forte a intensidade das loucuras da paixão que no amor a insanidade é o que eu chamo de razão! Elizabeth Souza Cruz	Eu não me deixo atrair por capricho ou coação... É preciso seduzir, se quiser meu coração. Flávio Ferreira da Silva	Quando deixas os teus laços e velas na encruzilhada, retornas para os meus braços muito mais enfeitada. Joana D'Arc da Veiga

Trovas Trovadores de Nova Friburgo [www.jogosflorais.com.br](http://www.jogosflorais.com.br)  
gentileza de Nilton Manoel, em 20.03.09

VENCEDORES DOS CONCURSOS NACIONAIS DOS JOGOS FLORAIS DE NOVA FRIBURGO, 1960 a 2008\*

[www.jogosflorais.com.br](http://www.jogosflorais.com.br), gentileza de Nilton Manoel, em 20.03.09

Se te vais, por gentileza, deixa a porta sem trancar! não me roubes a certeza, de que logo irás voltar! Adélia Victória Ferreira, 2002	Na paixão em que me abraso tanto sol tem minha estrada, que eu não troco o meu ocaso pela mais linda alvorada! Alcy R. Souto Maior, 1978	Noites feitas de saudade, lembranças, de meiguice... – Tão curtas na mocidade e tão longas na velhice! Alfredo de Castro, 1967	Não desprezei meu Nordeste, desprezo, eu juro, foi não... Foi a dureza do agreste que me afastou do sertão! Alfredo de Castro, 1994	Nós tanto nos pertencemos, nosso amor vai tão além... que nos dois já nem sabemos, qual de nós é mais de quem! Almerinda Liporage, 1984	Meu orgulho se rebela mas o amor faz perdoar, porque a saudade é janela que eu nunca aprendo a fechar. Almerinda Liporage, 1998
Amái-vos, e as derradeiras muralhas hão de cair. – Havendo amor, as fronteiras não tem razão de existir! Antonio Augusto de Assis, 2006	Sem precisar das imagens ou linguagem que os ensinam, os olhos trocam mensagens que as palavras não definem. Campos Sales, 2007	Mãos tristes temendo ausências se despedem com revolta... Nosso adeus tem reticências que acenam dizendo... Volta! Carolina Ramos, 1973	Amanhece. A névoa fina vai aos poucos se extinguindo... E o sol, varrendo a neblina, mostra Friburgo... sorrindo! Daniel Carvalho, 1968	A saudade se embarça e a paixão se intensifica... – Não pelo instante que passa, mas pelo instante que fica. Eduardo Toledo, 2000	Partiste sem um aceno multiplicando os meus ais: não quis teu mundo pequeno meu sonho grande demais! Eugénia Maria Rodrigues, 1987
Eu te quero às escondidas e, se esta espera durar, te esperarei quantas vidas for necessário esperar! Eugénia Maria Rodrigues, 2003	Sei que os motivos são poucos, sei que as razões também são, mas este amor nos faz loucos e os loucos não têm razão!!! Gerson César de Souza, 2005	Cabelos brancos ao vento, – saudade feita de neve! – mil fibras de sentimento dizendo a tudo: Até breve!... Hélcio Barros, 1974	Eu me recuso, tristeza, a conviver com teu mundo: – Vida que tem correnteza não cria lodo no fundo! Héron Patrício, 1997	Eu e tu, duas metades que a vida vai separando... Eu e tu, duas saudades na saudade se encontrando. Izo Goldman, 1975	São quase uma eternidade minhas noites de abandono, porque em meu quarto a saudade se deita, mas não tem sono... João Freire Filho, 1983
Mãe, por mais que eu me concentre na importância do que faço não esqueço que teu ventre foi o meu primeira espaço! João Freire Filho, 1991	Áurea, fluída, de gaze... corpo volátil de essência... sua presença era quase, como se fosse uma ausência... João Rangel Coelho, 1970	Ante as sandálias furadas que entre cascalhos gastei, não culpo o chão das estradas, culpo os maus passos que dei. José Maria M. de Araújo, 1976	Baú velho, tampo torto, cartas e fotos mofando... – Refúgio de um sonho morto que eu vivo ressuscitando. José Ouverney, 2004	Nessas angústias que oprím, que trazem o medo e o pranto, há gritos que nada exprimem, silêncios que dizem tanto... Luiz Otavio, 1972	Jurei não te procurar... Jurei, mas quebrei a jura... Quem ama pode jurar não procurar, mas... procura. Luna Fernandes, 1988
Lavrador, por tuas mãos, que Deus dotou de magia, faz-se o milagre dos grãos dando o pão de cada dia! Maria Lucia Daloco Castanho, 1996	Velho bilhete... lembrança de um amor que não foi meu... Um pedido de esperança que a vida não respondeu... Marina Bruna, 1999	Resisto... mas, distraída, minha razão nem percebe quando a emoção atreveida abre a porta... e te recebe! Marilúcia Resende, 1992	Teu retrato, enraivecida, eu rasguei, sem embaraços... mas a saudade atreveida juntou de novo os pedaços!... Marilúcia Resende, 1993	Não diga adeus nem brincando, o adeus é irmão da saudade, e alguma ausência, escutando, pode pensar que é verdade... Octávio Venturelli, 1977	Esta engrenagem, que é a vida esmaga a todos, sem dó e a gente, aos poucos moída, de novo volta ser pó. Paulo Emílio Pinto, 1963
Quando esta lua indiscreta, me traz lembranças sem fim eu choro o velho poeta que morreu dentro de mim. Rita Marciano Mourão, 1995	Fim do meu rumo. Eu grisalho dos netos entre os carinhos, pareço um velho espantalho cercado de passarinhos. Romeu Gonçalves da Silva, 1980	Sozinho... o tempo passando, um dia vai, outro vem... Meu Deus! Maria chegando, abro meus olhos... ninguém! Rubens de Castro, 1969	Teu retrato até rasguei para fugir da verdade... “Sem lembranças”, eu pensei, mas ninguém rasga a saudade!... Theressa Costa Val, 1990	Entre esperas e demoras, que a solidão descompassa, já nem sei quantas auroras vi chegar pela vidraça!... Vasques Filho, 1981	Na minha angústia, calado, eu vi no espelho outro dia, um rosto amargo e cansado – Meu Deus do céu, quem seria?... Walter Sanches, 1971

● **Exceções:** Almerinda Liporage 1986 SF0112, Anis Murad, 1961 SF9708, Arlindo Tadeu Hagen 1985 SF0007, Carlos Guimarães 1966 SF9909, Darly Barros 2001 SF0111, Durval Mendonça 1964 e Nydia Jaggi Martins 1965 SF 9701, José Tavares de Lima 1989 SF0108, Rodrigues Crespo 1960 SF0001.

MANOEL FEIJÃO

Dois casados viviam muito tristes por serem já velhos e não terem filhos. Vai a mulher disse uma vez: – A cousa que eu mais queria neste mundo era ter um filho, ainda que ele fosse do tamanho de um feijão. Passados tempos, quando menos o esperavam, a velha teve um filho, tão pequerruchinho, tão pequerruchinho, que era mesmo do tamanho de um feijão. Criou-se o menino, e puseram-lhe o nome de Manuel Feijão; a mãe nunca tirava o sentido dele, e ainda assim muitas vezes o perdia. De uma vez foi botar umas gavelas ao boi, e entre elas tinha-se perdido Manuel Feijão e o boi engoliu-o. A mãe muito apouquentada começou a gritar por toda a parte: – Manuel Feijão! Manuel Feijão! Ele respondia dentro da barriga do boi: – *Crós, crós!* – Manuel Feijão, onde estás? – *Crós, crós!* na barriga do boi. A mãe pôs-se a aparar o que o boi fazia, e assim tornou a achar Manuel Feijão todo sujinho; lavou-o muito bem lavado, mas o pequeno era muito traquina, não tinha medo dos bois, e até os queria levar para o campo. Metia-se-lhe numa venta, e assim os guiava para pastar e para voltar para casa, e até para levar no carro o jantar ao pai. De uma vez teve uma necessidade, e abaixou-se debaixo de uns feitos; ora andava por ali uma cabra a pastar, e indo comer os olhinhos do feito, engoliu Manuel Feijão. A mãe ficou desta vez mais aflita porque o pequeno não aparecia; a cabra com as dores de barriga, corria por escombros e valados, mas sempre vinha dar à horta do pobre

lavrador; por fim cansado de escorraçar a cabra, temendo que fosse *coisa ruim*, o pai de Manuel Feijão deu uma estourada na cabra, e matou-a, e atirou com ela para o meio da estrada. Veio de noite um lobo e comeu as tripas da cabra, e lá se foi Manuel Feijão aos tombos dentro da barriga do lobo. Começou a dar-lhe voltas nas tripas, e o lobo com as dores subiu-se por um pinheiro acima. Nisto vêm uns ladrões carregados com uns sacos de dinheiro, em cima de um macho; Manuel Feijão faz com que o lobo se atire lá de cima, arrebitou no meio do chão, e os ladrões fugiram espantados. Manuel Feijão assim que apanhou o lobo com as tripas para fora, saiu lá de dentro, e subiu para o macho, meteu-se dentro de uma orelha e começou a beliscá-lo. O macho botou a fugir, a fugir, e ele guiou-o para a casa do pai, e chegou à porta ainda de noite, a fazer muito estrupido. Perguntaram de dentro: – Quem é que está aí? – É Manuel Feijão, *crós, crós!* A mãe conheceu-o, veio abir à pressa; abraçou-o, lavou-o, e o pai foi descarregar o macho e guardar os sacos de dinheiro, e foram todos muito felizes.

AS TRÊS LEBRES

Havia noutros tempos um rei que tinha uma filha, que dizia que só casaria com o homem que fosse capaz de inventar uma adivinhação que ela não adivinhasse. Correram ao palácio muitos príncipes e fidalgos, mas todos se foram sem que as suas adivinhações ficassem por adivinhar. Foi-se passando muito tempo e estas notícias corriam por muitas partes, até que chegaram aos ouvidos

de certo aldeão muito esperto, e ele ao saber isto dispôs-se logo a partir para o palácio, sem saber ainda o que havia de perguntar à princesa. Montou a cavalo sem mais bagagem do que o seu livro de orações e sem farnel de qualidade alguma. Durante o caminho teve fome e sede, mas não havia ali em tal descampado nem comer nem água; então o aldeão, olhando, viu morto no chão um coelho; tomou-o, e depois de o esfolar, fez uma fogueira do seu livro de orações, assou o coelho e comeu-o. A sede era, porém, cada vez maior; ele então fez correr muito o cavalo até que o suor lhe caía em bica; apanhou-o no seu chapéu e bebeu-o e depois continuou a sua viagem. Chegando ao palácio viu muitos fidalgos, que perguntavam adivinhações à princesa, e ela tudo adivinhava. Então ele depois de todos terem falado, levantou-se e disse: Comi carne sem ser caçada, em palavras de Deus assada; bebi água, que não foi do céu caída nem também na terra nascida. Adivinhei agora, princesa, se de tanto sois capaz. Então a princesa disse que pedia três dias para adivinhar, pois era esta a que maiores voltas lhe havia de fazer dar à cabeça. Ficou o aldeão no palácio à espera que a princesa adivinhasse; mas logo ao primeiro dia se foi ter com ele uma aia da princesa, que lhe disse: *Explíca-me o que hoje perguntaste à princesa, e fazer-vos-ei tudo o que me pedirdes.* Respondeu o aldeão: *Explíca-vos-ei tudo daqui a três dias, se me deixardes ficar esta noite no*

*vosso quarto.* Disse logo a aia que sim, e fez uma cama no chão para o aldeão dormir nela. Deitou-se o aldeão, e a aia julgando que ele já dormia, deitou-se também; mas logo que viu que ela estava deitada, tirou-lhe uma saia que ela tinha despido, e saiu do quarto. No dia seguinte foi ter com ele outra aia da princesa, a quem sucedeu o mesmo que à primeira. Finalmente, sem saber o que tinha sucedido às aias, foi a princesa ao terceiro dia ter com o aldeão, e ele disse-lhe também o mesmo que tinha dito às aias, mas em vez de tirar uma saia à princesa tirou-lhe o seu chambre de dormir, que era de finas rendas. No quarto dia, logo de manhã, foi aldeão explicar a adivinhação às aias e à princesa, e à hora em que a corte estava toda reunida para ouvirem, a princesa respondeu: A carne sem ser caçada, em palavras de Deus assada, era um coelho que encontraste morto no caminho, e que assaste ao teu livro de orações. A água sem ser da terra nascida, nem do céu caída, era o suor do teu cavalo. – *É verdade*, disse o aldeão. Então o rei levantou-se e ordenou ao aldeão que se fosse para a sua terra pois nada tinha a esperar. Mas ele disse logo: – *“Já que a princesa é tão inteligente, peço-lhe que adivinhe agora esta.”* Quando neste palácio entrei três lebres encontrei; todas três esfolai, e as peles delas mostrarei. Ia para mostrar as saias das aias e o chambre da princesa, mas esta levantou-se logo, e disse: *Basta, basta; serás meu esposo, pois és o homem mais esperto que aqui tem vindo.*